

Graça Morais, entre a memória do Vieiro e as cores do mundo Graça Morais, between the memory of Vieiro and the colors of the world

JOANA MORAIS¹

Resumo: Neste ensaio, partilho memórias da minha infância e das influências artísticas que marcaram a minha vida, desde o meu nascimento, em 1974, pouco antes da Revolução de Abril. Reflectindo sobre o contexto político e cultural da época, exploro o modo como a vivência com os meus pais, ambos pintores, e em particular com a minha mãe, moldou a minha percepção da Arte e da sua diversidade de expressões. Através da convivência com a minha mãe, fui compreendendo a sua ligação profunda à aldeia do Vieiro e como as suas sucessivas experiências e descobertas da Arte, do mundo, lhe trouxeram novas perspectivas e abriram horizontes criativos que influenciaram o seu percurso artístico.

Palavras-chave: Contexto artístico; criação artística; memória; Graça Morais.

Abstract: This essay reflects on the memories of my childhood and the artistic influences that shaped my life, from my birth, in 1974, shortly before the Portuguese Revolution of April 25th. I explore the political and cultural context of the time and how living with my parents, both painters, and in particular with my mother, influenced my perception of Art and its diverse expressions. My relationship with my mother deepened my understanding of her profound connection to the village of Vieiro and how her successive experiences and discoveries of Art, of the world, brought her new perspectives, opening creative horizons that shaped her artistic journey.

Keywords: Artistic context; Artistic creation; Memory; Graça Morais.

¹ Filha da pintora Graça Morais, realizadora do documentário *Na cabeça de uma mulher está a história de uma aldeia* (1999). A autora usa a ortografia anterior ao Acordo Ortográfico de 1990.

Nasci em 1974, em Guimarães. Uma semana antes da extraordinária data de 25 de Abril. Ano de acontecimentos muito importantes no contexto português, do ponto de vista político. Posteriormente, apercebi-me de que a criação artística também tinha sofrido uma transformação, também aí tinha acontecido uma revolução. Gradualmente, apercebi-me de que, em minha casa, existiam obras de dois pintores, obras da minha mãe e do meu pai. Com a idade, com o decorrer do tempo, fui-me apercebendo das proximidades e diferenças existentes entre esses trabalhos e do modo como cada um deles funcionava.

A vivência progressiva com a minha mãe permitiu-me ir entendendo a sua particular, direta e sentida relação com a aldeia onde nasceu, o Vieiro, com aquelas pessoas com quem se envolveu ao longo de muitas décadas, fotografando-as, pintando-as; mas também algo permaneceu da sua experiência no exterior de Portugal, da aldeia do Guijá, na vila Trigo de Morais, no colonato do Limpopo, em Moçambique, onde as pessoas tinham uma outra atitude perante a existência, mais aberta e livre, onde a minha mãe, com cerca de seis anos, viu pela primeira vez cinema, banda desenhada, descobriu as chicletes, e onde o meu avô Jaime lhe ofereceu a sua primeira caixa de aquarelas. Até então, no Vieiro, antes desta viagem de descoberta em África, a mãe desenhava com pauzinhos de giz, com pedacinhos de tijolo nas fragas, conforme e onde pudesse.

Interessando aqui, sobretudo, o trabalho da minha mãe, é sobre este que me irei debruçar, na medida em que, para mim, representou sempre um âmbito muito particular da minha compreensão do mundo.

A minha mãe, que teve uma vivência distinta de Portugal na aldeia do Guijá, na antiga colónia de Moçambique, uma ilha de Liberdade, comparada com a situação interna em Portugal, e que foi capaz, posteriormente, de transmitir com a sua arte esse sentido de liberdade. Foi, então, já com 15 anos, que a mãe, num liceu em Bragança, uma cidade do interior do país, teve as suas primeiras experiências de pintar cenários para peças teatrais, de pintar tecidos, de fazer inúmeros trabalhos mais artesanais do que pinturas, mas também de desenhar ilustrações para um jornal do liceu, o *Ran-tan-plan*. Foi aí que a começaram a apelidar de “pintora”.

Cerca de uma década mais tarde, já na Escola de Belas-Artes do Porto, conheceu o meu pai, casaram e foram viver para Guimarães, onde eu nasci, seis dias antes do 25 de Abril de 1974. Ainda grávida de mim, a mãe teve a sua primeira exposição individual no Museu Alberto Sampaio no início desse mesmo ano, com bastante sucesso. Durante todo esse ano, a mãe esteve ocupada a tratar de mim, enquanto o meu pai, o pintor Jaime Silva, vivia as convulsões políticas com intensidade. E é de Guimarães que eu vos posso transmitir a experiência que me foi passada, que tem que

ver com o Café Óscar, onde se juntavam alguns professores, intelectuais locais, talvez alguns artistas, e de onde, juntamente com o meu pai, ela organizou e dirigiu os miúdos da escola onde ambos eram professores na realização de murais, o que hoje se designa de «arte urbana», que na altura era bastante politizada e cheia de simbologias relacionadas com a Liberdade, como era habitual na época. Foi precisamente nesse café, em 1975, que a mãe fez uma série de desenhos e colagens que reflectiam as turbulências e excitação daquele período.

Entretanto, por volta de 1976, os meus pais ganharam, ambos, uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian e fomos viver para os arredores de Paris. Foi uma época muito dura, financeiramente, mas feliz, de um grande enriquecimento cultural, de experimentação, de liberdade. De finalmente ambos conseguirem ver ao vivo obras que antes só apareciam em pequenas imagens a preto e branco nos livros da escola, onde não se percebiam nem as pinceladas nem a matéria. Foi aí que finalmente a minha mãe viu pela primeira vez, com enorme emoção, obras de artistas que a iriam marcar visceralmente, como Picasso, Bacon, Matisse, Goya, Rembrandt, Caravaggio, Courbet, Giotto, El Greco, Gauguin, Van Gogh, Picabia, Cézanne, Degas, Pissarro, Delacroix, entre tantos outros. Paris foi sempre uma cidade de retorno ao longo da sua vida, não para fazer turismo, mas para “devorar” arte. Também é a cidade que anualmente, e desde há cerca de 35 anos,

visita com o seu marido, o músico Pedro Caldeira Cabral, em celebração do seu amor e companheirismo. Uma relação profícua em trocas que despertam novas inspirações e criações, como se fossem musas um do outro.

Anos mais tarde, em meados dos anos 80, vivi com a minha mãe, no Vieiro, a experiência da aldeia do seu nascimento. Foi nessa altura que senti que ela aprofundou o conhecimento das tradições, do modo de ser, do modo de estar daquele povo, desde a religião aos gestos e rituais mais pagãos; foi aí que ela iniciou uma relação mais profunda com as pessoas, os animais, o mundo rural, as oliveiras, fragas, montanhas, com todo aquele território que constitui uma natureza circundante de maravilhamento, de cores de enorme beleza e de grande força anímica, que a minha mãe soube e sabe exprimir em grande medida nas suas obras. Basta ver, por exemplo, os trabalhos que fazem parte da Colecção da Fundação Calouste Gulbenkian e que têm a ver com os cães do Vieiro, animais de caça que habitavam a casa e que pertenciam aos irmãos ou primos caçadores. E é nesta casa antiga, cujas salas foram transformadas e adaptadas para serem um atelier, que começam a surgir também as perdizes, as lebres, as naturezas-mortas – bastava abrir um frigorífico para as ver ali deitadas, serenas, quase como se estivessem a dormir. Começa também aí a desenhar as formas da natureza, as batatas engeladas que pareciam bichos, as romãs, os ramos das

amendoeiras, das cerejeiras, das oliveiras, iconografias constantes na sua pintura.

Ao longo do seu percurso, mantém esse reconhecimento do local, essa constante experiência anímica, de vitalidade, que transporta para os seus trabalhos. Na realidade, é o conhecimento artístico adquirido em Paris, em outros países e culturas, e transfigurado no Vieiro, que abre a obra da minha mãe a outras ligações, que podem ir desde a identificação com as obras de artistas mulheres, como Frida Kahlo, Georgia O'Keeffe, Artemisia Gentileschi ou Paula Rego, à influência de Picasso e de outros artistas não tanto conceptuais, mas com fortíssima capacidade anímica, tal como eu acho e entendo que os seus trabalhos transmitem.

Importa falar da escolha dos materiais da minha mãe, de panos crus, muitas vezes não trabalhados, sobre os quais surgem figuras femininas, o contexto, até, de situações familiares que a marcaram profundamente, algumas delas simples, como os objectos das lareiras, o retrato da sua avó, os bules, os jornais que decoravam em recortes ondulados os louceiros, tudo aquilo que é uma vivência muito caseira e muito feminina, mas que ao mesmo tempo revela a fortíssima situação das mulheres, que, ainda que aparentemente estivessem ou pudessem julgar-se num pleno subalterno, eram, na verdade, o motor da economia real naquele contexto rural, concretamente no auxílio à

família, em tudo aquilo que dizia respeito à ligação com os animais, à produção, etc.

Em Portugal, as mulheres tiveram, desde os Descobrimentos, um fortíssimo papel. Basta recordar, para quem não saiba, que nessa época Portugal tinha cerca de dois milhões de pessoas, incluindo velhos, mulheres e crianças, e que grande parte da população masculina estava empregada nas descobertas e nas conquistas ultramarinas. Logo, as mulheres, em Portugal, sempre tiveram uma força e uma energia singulares, não só em Trás-os-Montes, mas particularmente no resto do interior do país, desde as mulheres que vivem na costa portuguesa, como as nazarenas, às alentejanas do interior profundo. E esta situação viria a repetir-se séculos mais tarde, aquando da Guerra do Ultramar, portanto, durante o Estado Novo, no decorrer da ditadura de Salazar. Então, foram de novo as mulheres que sustentaram as economias locais, enquanto os homens iam para a Guerra, muitos seguindo impreparados para uma morte certa. A minha avó Alda, mãe da minha mãe, foi uma dessas mulheres. Era a Matriarca, era quem nos unia como uma cola feita de uma substância invisível. Foi ela quem sustentou seis filhos, uma casa agrícola, enquanto o meu avô Jaime estava em África. Foi ela que tomou conta de mim, como uma segunda mãe. A minha mãe também é assim, uma Matriarca, uma Mulher com uma determinação e uma força extraordinárias.

Portugal é um país de mulheres, em grande medida. E é um país de homens que as acompanham quando é necessário, por vezes, mas não sempre. Essa referência ao universo feminino é feita particularmente bem pela minha mãe nos trabalhos das séries *As escolhidas*, *O rosto e os frutos*, *O sagrado e o profano*, *Cabo Verde* ou *Mapas e o espírito da oliveira*, mas também, e já com uma outra dimensão, em séries mais recentes, como *Metamorfoses da humanidade*, *Inquietações* ou *Os desastres da guerra*.

A caça, a morte dos animais, até a situação de exposição pública desses animais quando mortos, a morte dos animais e o aproveitamento do sangue. Os porcos que são mortos em cerimónia pública propositadamente – recordo que a minha mãe, a determinada altura, fotografou esses momentos, enquanto eu os filmava, momentos em que, digamos, o animal tem a plena consciência de que vai morrer e está de facto entre a vida e a morte. Tudo isso é uma situação que impregna todo aquele ambiente de um lado quase pagão, que também existe e sobrevive nessas mentalidades, ou sobrevivia então na mentalidade local.

Poderia falar sobre as várias experiências que tive, graças à minha mãe, em que a acompanhei em viagens, não só para ver arte, mas também para viver os locais intensamente, para apreender outras culturas; sobre as «residências artísticas», no país e lá fora; sobre o posar para algumas das séries; sobre todo o

ângulo da significância de se ser filha de uma Artista reconhecida, de dois pais pintores, embora isso seja excessivo e demasiado intimista para este texto; sobre um padrasto altamente admirado como musicólogo e instrumentista neste país, e sobre o quanto eu tenho aprendido com todos eles, com a minha mãe em particular, porque ela é mais do que Mãe, é uma Mulher, uma Artista, uma Sábia, um ser humano de enorme generosidade, uma amiga e uma guia, não só pelas suas palavras, mas também pela sua Arte, que me revela o estado do mundo e o seu próprio estado de alma. Este mundo que ambas habitamos e no qual, na altura em que escrevo este texto, acontece um genocídio na Palestina, um mundo que está em guerra e em que Portugal está, de certa forma, e uma vez mais, isolado e protegido por uma certa cegueira política. A mãe transpõe este mundo, esta actualidade, a dor, o sofrimento humano, a natureza que se esvai quase diariamente nesta era do Antropoceno. É uma pintura que nos alerta, que nos obriga a reflectir sobre quem fomos, quem podemos ser, como humanidade.

Portugal é diferente, a artista Graça Morais é diferente. E é diferente necessariamente atendendo a todos estes contextos, que intersectam um contexto urbano com uma dimensão rural fortíssima, não deixando esta última de estar presente e subjacente em várias situações artísticas contemporâneas, por exemplo, nalguns aspectos do surrealismo ou do realismo mágico mexicano, nas obras de outros artistas,

e conjuntamente expressa pela vivência da morte na própria Europa, se nos lembrarmos das várias guerras que a têm destruído. A arte da minha mãe é um manifesto a favor da compreensão entre as pessoas, a favor de um relacionamento integral da humanidade com o mundo, reflectindo a forte presença das mulheres na cultura portuguesa e a sua relação com a natureza, com os animais, com a vida e a morte. É importante que assim seja. É desejável que assim seja. E é isto o que eu sinto em relação às obras da minha mãe.

Foi esta visão que tentei expressar no documentário que fiz sobre a sua vida e obra, datado de 1999, cujo título, *Na cabeça de uma*

mulher está a história de uma aldeia, foi adaptado de uma série de desenhos que a minha mãe fez sobre as cabeças, os puxinhos, das mulheres transmontanas. Um gesto, um ritual de pentear os cabelos, que hoje já quase não existe devido à desertificação, à morte e ao envelhecimento das populações do interior do país. O documentário está disponível no Youtube² e ilustrará muito melhor este texto do que qualquer imagem fixa. Convido-a/o a ver este documentário como se este texto fosse um complemento a esse pequeno filme, datado, como disse acima, mas que ainda faz sentido para perceber um pouco da arte da minha mãe, da pintora Graça Morais.

² Ver https://www.youtube.com/watch?v=Euq_xtwG6V8 (último acesso em 4 de Outubro de 2024).